


*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

The background of the cover is a grayscale image showing the silhouettes of medieval warriors in a battle scene. The warriors are positioned in the lower half of the frame, with some on horseback and others on foot. They are holding various weapons such as swords, spears, and axes, and appear to be engaged in combat. The scene is set against a bright, hazy sky, creating a dramatic and historical atmosphere.

*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura
Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

DOI 10.22533/at.ed.5082011121

CAPÍTULO 2..... 13

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011122

CAPÍTULO 3..... 23

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

DOI 10.22533/at.ed.5082011123

CAPÍTULO 4..... 33

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

DOI 10.22533/at.ed.5082011124

CAPÍTULO 5..... 44

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.5082011125

CAPÍTULO 6..... 58

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5082011126

CAPÍTULO 7..... 68

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

CAPÍTULO 8	82
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
CAPÍTULO 9	86
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
CAPÍTULO 10	99
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL	
Flavia Pedroza Lima	
Rundsthen Vasques de Nader	
DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
CAPÍTULO 11	106
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR	
Felipe Bastos Maranezi	
Natalia Scarabeli Zancanari	
DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
CAPÍTULO 12	116
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940)	
Leticia Souto Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
CAPÍTULO 13	135
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA	
Carmem Lúcia Druciak	
DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
CAPÍTULO 14	146
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE	
Leandro José do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
CAPÍTULO 15	159
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE	
Erivan Cassiano Karvat	
DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

CAPÍTULO 16	171
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
DOI 10.22533/at.ed.50820111216	
CAPÍTULO 17	183
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
DOI 10.22533/at.ed.50820111217	
CAPÍTULO 18	194
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
DOI 10.22533/at.ed.50820111218	
CAPÍTULO 19	203
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111219	
CAPÍTULO 20	214
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
DOI 10.22533/at.ed.50820111220	
CAPÍTULO 21	220
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
DOI 10.22533/at.ed.50820111221	
CAPÍTULO 22	243
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111222	

CAPÍTULO 23	255
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
CAPÍTULO 24	268
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
CAPÍTULO 25	277
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
CAPÍTULO 26	284
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
CAPÍTULO 27	299
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	310
ÍNDICE REMISSIVO	311

CAPÍTULO 24

PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO MAINSTREAM PÓS-NEOCLÁSSICO?

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 02/09/2020

Marcelo de Carvalho Azevedo Anache

Fundação Técnico-Educacional Souza Marques (FTESM), Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração de Empresas (FCCA) Rio de Janeiro-RJ
<http://orcid.org/0000-0002-8291-576X>

Luiz da Costa Laurencel

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Faculdade de Administração e Finanças (FAF) Rio de Janeiro-RJ
<http://orcid.org/0000-0002-6167-5648>

Carlos Benevenuto Guisard Koehler

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) Rio de Janeiro-RJ
<http://orcid.org/0000-0001-5306-0603>

Trabalho apresentado em 2019 no Congresso Scientiarum História XII – HCTE/UFRJ – Rio de Janeiro; publicado como artigo na revista Scientiarum História XII, v.1 em 2019: <http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/28>

RESUMO: O artigo pretende inicialmente expor uma reflexão de natureza metodológica no que concerne a investida frustrada da ciência econômica em encontrar um método único para constituir suas teorias. Em seguida se fornece uma visão de como novos nichos da economia vêm negociando seu espaço entre a ortodoxia neoclássica e a heterodoxia, possibilitando perspectivas para cenários futuros da disciplina. Para tanto, observa-se o estado da arte do pluralismo do mainstream como um empreendimento em busca de dar dinâmica à profissão do economista e de alguma forma se contrapor ao rótulo de um monismo na área. Por fim, conclui-se, a partir de algumas observações sobre um determinado ecletismo dentro das abordagens mais atuais, que a grande dúvida, expressa no título desse trabalho, permanece sub judice.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia, Ortodoxia, Heterodoxia, Pluralismo, Mainstream.

PLURALISM IN ECONOMIC SCIENCE OR A TRANSITORY STATE TOWARD A NEW POST-NEOCLASSICAL MAINSTREAM?

ABSTRACT: The article initially intends to expose a reflection, with a methodological nature, concerning economic science's frustrated approach on finding a unique method for constituting its theories. Next, a view of how new economy niches have been negotiating its space in between neoclassical orthodoxy and heterodoxy, allowing future scenario perspectives for the discipline. For this purpose, it is observed state of the art mainstream pluralism as an enterprise in search of giving dynamism to

the profession of economist, and in some way opposing to a label of monism in this area. Therefore, finally, from observations regarding a certain eclecticism within the most current approaches, it is concluded that the great doubt expressed in this work's title remains sub judice.

KEYWORDS: Methodology, Orthodoxy, Heterodoxy, Pluralism, Mainstream.

1 | INTRODUÇÃO

Ao debulhar as obras dos três luminares da metodologia científica, Karl Popper (1987), Imre Lakatos (1989 [1978]) e Thomas Kuhn (2003 [1962]), é possível concluir que a procura por uma metodologia correta (ou a busca da certeza), o almejado desejo dos pesquisadores de todas as tendências, é uma impossibilidade, mormente para as ciências sociais, especialmente para a economia. No contexto da economia, cada um dos autores citados, fornece pistas para a construção do conhecimento das teorias científicas, sem, contudo, definir uma solução de compromisso ou consensual. Karl Popper pugna por teorias que sejam empiricamente refutáveis, mas seu falsificacionismo é complexo, Lakatos busca um vínculo isomórfico entre a história das ciências e as regras do bom método científico, seu programa de pesquisa, e Kuhn nos propõe o paradigma que relaciona a mesma história e a revolução. Não há um consenso em como avaliar os padrões das teorias existentes assim como definir as regras de construção de tais teorias: a demarcação. Decorre que a problemática da demarcação resulta em uma babel, na qual as grandes questões metodológicas permanecem sem solução, ou melhor, sem solução consensual.

O questionamento do metodólogo da economia era o de encontrar um conjunto de regras estáveis capaz de nortear suas elucubrações e ideias. Vã foi sua tentativa, pois de Bruce Caldwell (1990) até Mark Blaug (1985) as discordâncias só se fizeram aumentar. Não há como definir padrões infalíveis e, no outro extremo abrir mão, totalmente, do aspecto metodológico, além de ser impraticável fazer recomendações políticas sem o devido respaldo do conhecimento subjacente. Como afirmava Samuel Beckett (2010), não basta olhar é necessário saber ver. Uma visão da metodologia econômica recente demonstra que a busca pelo “santo graal”, a metodologia certa, resultou em frustração. De acordo com Hands (2001) não há um “kit metodologia” de ampla disponibilidade pronto para o uso do pesquisador. Haja ou não aceitação, não há hodiernamente uma metodologia una, com regras imutáveis de plena aceitação da miríade de teorias econômicas. Este não é mais um objetivo do metodólogo da economia.

O que tem ocorrido é uma certa fragmentação do debate metodológico. Alguns programas de pesquisa ganham destaque por adotar suas próprias opções ao mesmo tempo em que examinam ideias específicas, renunciando a uma perspectiva de conjunto, onde a crítica sobre os métodos utilizados pela teoria econômica como um todo fica posta de lado. Destacam-se nesse contexto diferentes ramos da economia institucional,

a economia comportamental, os evolucionistas e a economia da complexidade, para citar alguns programas de pesquisa mais recentes (BIANCHI, 2011).

É interessante observar que mesmo abandonando a ambição de uma metodologia totalizadora, não se abriu mão de conteúdos normativos. O que de fato ocorreu foi a busca por uma especialização via alguns dos programas de pesquisa, como os já citados anteriormente. Essa atitude fez reduzir o escopo de investigação do metodólogo. Ainda assim, ele não conseguiu reduzir os problemas e desafios enfrentados. Para Bianchi (2011),

(...) quando considera cada programa de pesquisas individualmente, ele percebe que tem sérias questões de método para enfrentar, e que tais questões reproduzem, em sua própria escala, aquelas que a disciplina enfrentava como um todo (BIANCHI, 2011, p. 127).

Portanto, apesar dos esforços, não se encontrou uma solução satisfatória para a busca da metodologia correta. Ou seja, as questões de natureza metodológica que pugnam por um conhecimento seguro, com o fito de apoiar a prática dos pesquisadores, carecem de respostas. Ainda assim, não seria sensato o abandono da pretensão da verdade, já que essa atitude não resolveria nenhum problema. A partir disso, alguns questionamentos podem ser destacados: como chegar a verdade ou até mesmo ter certeza que ela foi alcançada? Se isso é impossível, como conviver com a incerteza de forma profícua?

Assim sendo, pretende-se oferecer em primeiro lugar uma reflexão de natureza metodológica sobre os rumos tomados pela ciência econômica no que diz respeito ao pluralismo do *mainstream*, por considerar a economia como um espaço de pluralidade, de diversidade de teorias e métodos. Ainda assim, é importante ressaltar que esse não parece ser um fenômeno exclusivo desta ciência e, mesmo válido também para as ciências naturais, é nas ciências sociais que a pluralidade é central. Isso não quer dizer que as ciências sociais não são objetivas, mas sim que a pluralidade está associada ao fato de serem construídas por seres humanos. Para explorar esse ponto, elegem-se algumas contribuições recentes de metodólogos da economia, que se dispuseram a analisar os rumos dessa disciplina no período mais recente. Dentre eles, pode-se citar: Colander, Holt e Rosser (2004) e Davis (2008). Em segundo lugar, apresenta-se uma conclusão, que compreende os propósitos do debate metodológico apresentado, as suas conotações para o pluralismo, que tem florescido no meio acadêmico da economia nos últimos anos e, por fim, um questionamento sobre o futuro.

2 | ESTADO DA ARTE PARA O PLURALISMO DO *MAINSTREAM*

Há uma discussão considerável, na economia hodierna, sobre os possíveis cenários futuros da disciplina. Historiadores e metodólogos, em particular, estão debatendo o chamado “pluralismo do *mainstream*” (DAVIS, 2008), que decorre do crescimento e da coexistência de novos programas de pesquisa em economia que se desviam significativamente do

núcleo neoclássico. Outras disciplinas contribuíram ativamente para o nascimento de tais programas (teoria dos jogos evolucionários, economia comportamental, cognitiva e experimental, economia experimental, neuroeconomia e economia da complexidade baseada em agentes), executados por diferentes comunidades de pesquisadores, muitas vezes separadas. É verdade que a economia nunca foi uma disciplina totalmente coesa. Ainda assim, o contraste entre o “pluralismo do *mainstream*” de hoje e as décadas em que muitos economistas importantes do *mainstream* elogiavam a virtude da atitude “imperial” de sua disciplina (construída sobre a força relativa do núcleo neoclássico) é bastante evidente. Nas últimas duas décadas, uma constelação de críticas não necessariamente interconectadas à economia neoclássica produziu, de fato, um número notável de nichos, cada um tentando resolver enigmas científicos específicos usando teorias e métodos distintos. E embora o “pluralismo do *mainstream*” não seja o pluralismo que vários grupos de economistas e estudantes não-*mainstream* procuraram nas últimas décadas, sua persistência ao longo do tempo pode, pelo menos, fornecer uma condição prévia possível para o advento do (verdadeiro) pluralismo na economia.

Pode-se mencionar a fraqueza da abordagem neoclássica (COLANDER, 2000; ELSNER, 2013) como possível explicação da proliferação de nichos, ou adotar uma perspectiva sociológica e afirmar que a criação de nichos pode ajudar a desenvolver uma carreira acadêmica bem-sucedida (BEN-DAVID; COLLINS, 1991). Ainda assim, a economia tinha um forte paradigma, na medida em que a discussão atual sobre a economia *mainstream* pressupõe que seu pluralismo não possa durar indefinidamente. O uso (muitas vezes implícito) de uma perspectiva kuhiana gera facilmente a ideia de que o pluralismo atual é apenas um estado transitório em direção ao advento de um novo *mainstream*, pós-neoclássico, explorando sobreposições e preocupações compartilhadas entre os atuais diferentes programas de pesquisa. Este novo *mainstream* pode se apoiar, por exemplo, na “visão” das ciências da complexidade, trazendo ao contexto as ideias da “revolução” da complexidade (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004); ou na contribuição dos economistas para uma estrutura abrangente, tornando as disciplinas comportamentais finalmente compatíveis entre si, como na proposta de Gintis (2007).

Entretanto, existem algumas singularidades no caráter desse pluralismo do *mainstream*. Colander, Holt e Rosser (2004) argumentam:

Certamente não estamos afirmando que o *mainstream* é sempre pluralista e de mente aberta, disposto a aceitar visões heterodoxas de braços abertos. Longe disso. Eles são humanos e se fixam em suas maneiras de ver as coisas e frequentemente rejeitam pontos de vista alternativos sem lhes dar uma consideração séria. Isso é parte da natureza humana (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004, p. 492, tradução nossa).

Essa fraqueza de pluralidade, citada acima, significa que, de muitas maneiras (inconscientes), a elite dominante (*mainstream*) pode suprimir as visões dos economistas

heterodoxos. Além disso, eles costumam usar seu método como uma ferramenta para proteger visões que não se encaixam muito bem em seu modo de pensar. O que Colander, Holt e Rosser (2004, p. 492) afirmam é que a mentalidade fechada da elite *mainstream* é geralmente “inconsciente e representativa de quase qualquer grupo que tenha o poder de ser assim, incluindo em suas próprias pequenas esferas muitos economistas heterodoxos”. O que também está se afirmando é que os piores tipos de repressão e intolerância heterodoxa não são levados a cabo pela elite, mas sim por economistas cujas credenciais profissionais são medíocres, pela simples razão de não serem tão imaginativos e criativos quanto a elite.

Nesse ínterim, outras singularidades são encontradas nas diferenças entre *mainstream* e ortodoxia. Uma comparação importante entre essas duas últimas é que os economistas que trabalham dentro do *mainstream* podem encontrar seus pontos de vista em evolução. Por exemplo, eles podem estar trabalhando com uma abordagem específica, mas depois mudam. Considere as expectativas racionais e a nova revolução clássica na macroeconomia. Um dos primeiros criadores de expectativas racionais, Leonard Rapping, modificou significativamente suas opiniões e tornou-se um economista heterodoxo antes de sua morte prematura. Outro exemplo é Thomas Sargent, outra das figuras principais na aplicação de expectativas racionais à macroeconomia. Como resultado da visita ao Instituto de Santa Fe, ele chegou a renunciar a uma visão estrita das expectativas racionais (SARGENT, 1993). Seu trabalho mais recente com Lars Hansen (HANSEN; SARGENT, 2000) tentou fornecer abordagens quantitativas para lidar com a incerteza Knightiana, e assim ele saiu da ortodoxia, mas permaneceu no *mainstream* e está no limiar (*edge*) da fronteira da economia (COLANDER; HOLT; ROSSER, 2004).

Portanto, de acordo com a discussão acima, o limiar é onde se está buscando inovação na profissão. Se o que funciona no limiar é considerado heterodoxo ou *mainstream* vai depender da tendência do economista em pretender fazer parte do *mainstream* existente, e o grau em que ele se contrapõe diretamente, ao invés de criticar suavemente, o trabalho da elite. Deve-se salientar que o trabalho no limiar tem seus problemas, especialmente para aqueles cuja tendência é se opor, em vez de trabalhar dentro do campo existente e, portanto, encontrar-se na heterodoxia. Esses enfrentam problemas sociológicos significativos de alcançar a aceitação do *mainstream* estabelecido. Os economistas considerados heterodoxos frequentemente podem encontrar dificuldades em obter financiamento para o seu trabalho, e assim virem a ser excluídos do processo de tomada de decisões em suas universidades. Aqueles que estão no *mainstream* e querem se envolver no limiar não têm esse problema sociológico, mas também frequentemente se encontram em desacordo com aqueles que os cercam em algum grau à medida que pressionam contra as fronteiras do *mainstream*. A figura 1, abaixo, resume essas considerações terminológicas e fornece uma visão geral estilizada do discurso econômico corrente na forma de um mapa paradigmático simplificado de teorização econômica.

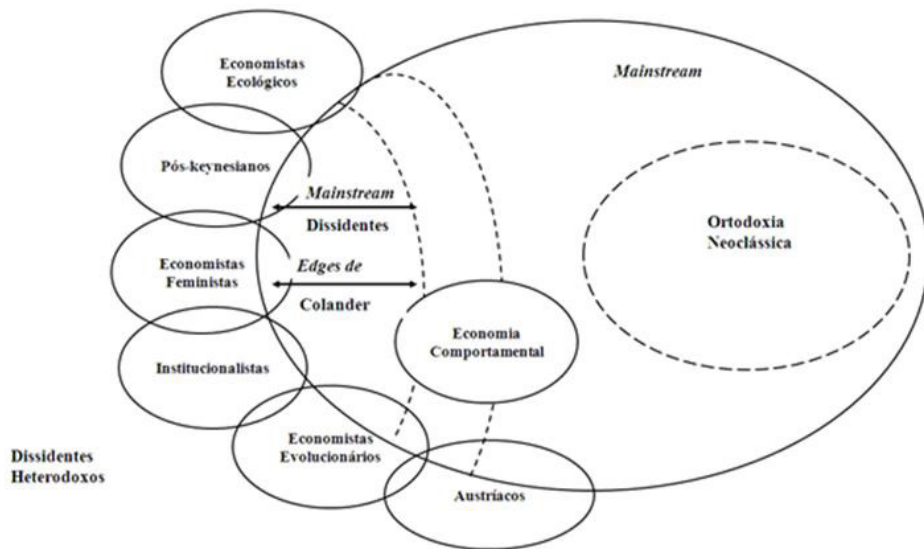


Figura 1 – Paradigmas no discurso econômico

Fonte: Dobusch; Kapeller (2012, p. 1037).

Por fim, uma outra constatação da dinâmica que ocorre dentro da profissão dos economistas, apresentada por Colander, Holt e Rosser (2004), pode ser observada nas abordagens do estudo de complexidade. No final da década de 90, o *mainstream* aceitou muitos dos métodos e abordagens associados à abordagem da complexidade (economia experimental, economia comportamental e dinâmica não linear). Para os autores citados, essa visão mais ampla, inicialmente mantida por um grupo menor de economistas, pode ou não ser mantida pelos indivíduos que trabalham no limiar da economia. Mas à medida que o trabalho no limiar progride e se acumula, ele muda o cerne da abordagem do economista e, eventualmente, cria uma nova ortodoxia centrada em uma visão de complexidade mais ampla.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Bianchi (2011), a partir da leitura das manifestações recentes sobre os rumos do *mainstream* na ciência econômica, constata-se um ambiente de grande controvérsia em que a opinião dos metodólogos da economia está longe de ser unânime.

Mas há certamente alguns pontos em que os metodólogos se põem de acordo. O primeiro deles é a constatação de que há mudanças importantes acontecendo, o que dá à fronteira do conhecimento nessa área uma notável característica de dinamismo. Essa opinião é praticamente consensual entre os autores Colander, Holt e Rosser (2004). O segundo ponto é que, para o bem ou para o mal as mudanças constatadas não têm a

dimensão das revoluções científicas de que trata Kuhn (2003 [1962]), que, como se sabe, tinha em mente a história das ciências físicas, e não das sociais.

Portanto, a tendência é da fragmentação da discussão metodológica em decorrência da renúncia a uma grande perspectiva unificada. Cada vez mais esse tipo de discussão abandona o cenário da economia como um todo e tende a processar-se no interior de cada programa de pesquisas ou, pelo menos, de alguns deles. Bem, é possível que isso não esteja ocorrendo apenas na economia, mas seja, antes, um sinal dos tempos, compatível com as mudanças na ciência como um todo. Talvez a busca da grande teoria universal e unificada também esteja saindo de moda em outras ciências, como bem argumenta Gleiser (2010) a respeito da física.

É difícil visualizar o futuro ou mesmo avaliar um processo que está em curso. A pesquisa no campo da metodologia econômica não tem a pretensão de vencer esse desafio. Mas ela tem a obrigação de refletir sobre ele e de buscar o melhor ajuste possível entre o futuro que antevemos e o futuro que desejamos.

Um exemplo do que foi discutido sobre avanços em termos de pesquisa, que se encontram no limiar da economia, ou seja, onde se está buscando inovação na profissão, são as investigações que combinam as áreas de economia e psicologia. Mais notadamente, em 2002, o psicólogo israelense Daniel Kahneman ganhou o Prêmio Nobel de Economia, ao lado do economista Vernon Smith, por estudos que forneciam uma visão integrada da psicologia na economia e utilizavam abordagem experimental. Diversas pesquisas empíricas realizadas no âmbito comportamental se seguiram e ganharam maior notoriedade na avaliação do processo de tomada de decisão (ANACHE, 2008).

Essa nova perspectiva levou Anache (2008), em sua dissertação, ao desafio de compilar os principais trabalhos não ortodoxos sobre Finanças Comportamentais, um novo e promissor campo de estudo, que incorpora aspectos comportamentais antes desconsiderados. E, em seguida, a publicação de um artigo sobre o tema (ANACHE; LAURENCEL, 2013).

Outro fato marcante em relação ao avanço na fronteira da economia, que se dá na forma de diversificação, foi o Prêmio Nobel de Economia recebido pelos economistas norte-americanos Eugene F. Fama, Lars Peter Hansen e Robert J. Shiller no ano de 2013. O destaque quanto ao uso de novas teses sobre as escolhas humanas ou sobre como a economia funciona é dado a Robert Shiller, que considera que fatores psicológicos e irracionais influenciam na tomada de decisões econômicas. Isso demonstra o quanto a ortodoxia está disposta a encampar sugestões de diferentes procedências, inclusive aquelas sugeridas pela heterodoxia. O que nos faz perceber que uma visão mais pluralista vem se consolidando no atual estado da ciência econômica. Particularmente no contexto dos economistas brasileiros essa dicotomia está presente no livro “O Valor das Ideias: debate em tempos turbulentos”, organizado pelos economistas Marcos Lisboa e Samuel Pessoa, lançado em 2019.

Diante desse desafio perante várias abordagens, torna-se necessário não apenas refletir, mas responder aos seguintes questionamentos: cada nova ortodoxia decorre, de fato, da heterodoxia que a precede no período pluralista? Dito de outra forma, quão nova é a nova ortodoxia em relação à do período anterior? Até que ponto as mudanças introduzidas pelo pluralismo em um dado período são irreversíveis? Afinal, existe, de fato, um pluralismo na ciência econômica ou um estado transitório em direção a um novo *mainstream*, pós-neoclássico?

REFERÊNCIAS

ANACHE, M.C.A. **Finanças Comportamentais: uma avaliação crítica da Moderna Teoria de Finanças**. 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Espírito Santo.

ANACHE, M.C.A.; LAURENCEL, L.C. **Finanças Comportamentais: uma avaliação crítica da Moderna Teoria de Finanças**. São Paulo: Revista CADE/Mackenzie, v. 12, n. 1, 2013. Disponível em: < <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/6331>>. Acesso em: 20 de nov. de 2019.

BECKETT, S. **Fim de partida**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BEN-DAVID, J.; COLLINS, R. **Social Factors in the Origins of a New Science: The Case of Psychology**, in BEN-DAVID, J. (ed.), *Scientific Growth: Essays on the Social Organization and Ethos of Science*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 49-70, 1991.

BIANCHI, A.M. **O método na economia: desenvolvimentos recentes, questões e reflexões**. Em: DUARTE, P.G.; ZILBER, S.D.; GUILHOTO, J. (Orgs.). *O Brasil e a ciência econômica em debate*. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2011, v. 2, p. 123-136.

BLAUG, M. **La Metodología de la Economía o Cómo explican los Economistas**. Alianza Editorial, Madrid, 1985.

CALDWELL, B.J. **Does methodology matter? How should it be practiced?** *Finnish Economic Papers*, v. 3, n. 1, p. 64-71, 1990.

COLANDER, D. **The Death of Neoclassical Economics**. *Journal of the History of Economic Thought*, v. 22, n. 2, p. 127-143, 2000.

COLANDER, D.; HOLT, R.P.F.; ROSSER, J.B. **The changing face of mainstream economics**. *Review of Political Economy*, v. 16, n. 4, 2004.

DAVIS, J.B. **The turn in recent economics and return of orthodoxy**. *Cambridge Journal of Economics*, v. 32, p. 349-366, 2008.

DOBUSCH, L.; KAPELLER, J. **Heterodox United vs. Mainstream City?** *Sketching a Framework for Interested Pluralism in Economics*. *Journal of Economic Issues*, 46, 4, p. 1035-1057, 2012.

ELSNER, W. **State and Future of the 'Citadel' and of the Heterodoxies in Economics**: Challenges and Dangers, Convergences and Cooperation. *European Journal of Economics and Economic Policies: Intervention*, v. 10, n. 3, p. 286-298, 2013.

GINTIS, H. **A Framework for the Unification of the Behavioral Sciences**. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 30, n. 1, p. 1-61, 2007.

GLEISER, M. **Criação imperfeita**. São Paulo: Record, 2010.

HANDS, D.W. **Reflections without rules**: economic methodology and contemporary science theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HANSEN, L.P.; SARGENT, T.J. **Wanting Robustness in Macroeconomics**. Unpublished manuscript, University of Chicago and New York University, 2000. Disponível em: <<http://home.uchicago.edu/~lhansen/wanting.pdf>>. Acesso em: 25 de ago. de 2019.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 7. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 [1962].

LAKATOS, I. **La metodología de los programas de investigación científica**. Madrid: Alianza, 1989 [1978].

LISBOA, M.; PESSÔA, S. **O valor das ideias**: debate em tempos turbulentos. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

POPPER, K. **O realismo e o objetivo da ciência** (pós-escrita à lógica da descoberta científica). Lisboa: Dom Quixote. 1987.

SARGENT, T.J. **Bounded Rationality in Macroeconomics**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

N

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

O

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

P

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

R

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98


S

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

T

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História 2*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora


Ano 2020

Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020